

O Erro Epistemológico Trágico de Marx e Engels na Teoria da Luta de Classes¹

Carlos Amadeu Botelho Byington²

Bom dia a todos.

Quando fiz a introdução do primeiro Moitará, há 38 anos, escrevi que ele foi inspirado no Eranos que conheci na Suíça e que muito contribuiu para Jung desenvolver o conceito de arquétipo. O Eranos virou Moitará por sugestão de Carlos Lacaz que vivenciou o Moitará dos índios no Xingú. Naquele Moitará, apresentei o conceito de símbolo estruturante que forma o Ego, coordenado pelos arquétipos e que já norteava a minha obra nas dimensões individual e coletiva. Ao terminar aquela introdução desejei que muitos outros Moitarás viessem depois daquele primeiro. Felizmente, assim aconteceu e quero hoje, neste XXVIII Moitará, continuar elaborando a formação da consciência e da Sombra na dimensão social e política da modernidade.

Situo esta palestra dentro da minha teoria arquetípica da história. A Psicologia Simbólica Junguiana, seguindo Heidegger, considera o Ser (*Sein*) como a totalidade cósmica e o Ser-aqui (*Dasein*) como os símbolos e funções estruturantes, cuja elaboração é coordenada por arquétipos (Jung) e forma a consciência. A Psicopatologia Simbólica Junguiana é centrada nos conceitos de fixação e defesa (Freud), que formam a Sombra (Jung), e é equivalente à patologia, na Medicina; ao crime, no Direito; ao erro, na Ciência; à exploração de um ser humano, de uma classe social ou de um país por outro, na Sociologia; ao pecado, na religião; à devastação da natureza, na Ecologia; e ao Mal, na Filosofia.

Enfatizo especialmente, em minha teoria arquetípica da história, que o mito, como descreveu Neumann, anuncia a formação da consciência, mas que também dirige a elaboração dos símbolos da própria história, como voltarei a exemplificar hoje.

As mutações do nosso genoma, que originaram nossa espécie, têm 150 mil anos (Watson, 2003). Durante 140 mil anos fomos povos nômades, caçadores-coletores, e nossa consciência foi orientada principalmente pela **elaboração de símbolos e de funções estruturantes coordenados pelo Arquétipo Matriarcal**.

¹ Palestra proferida no XXVIII Moitará “Dos filhos desse solo és mãe gentil?” – Evento organizado pela SBPA Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Campos do Jordão, SP: 25, 26 e 27 de novembro de 2016.

² Médico psiquiatra e analista junguiano. Membro fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Membro da IAAP Associação Internacional de Psicologia Analítica. Criador da psicologia simbólica junguiana. Educador e historiador. E-mail: <c.byington@uol.com.br>, site: <www.carlosbyington.com.br>.

Continuando e modificando a obra de Erich Neumann (1949), inspirada em Jacob Bachofen (1861), **conceituo o Arquétipo Matriarcal não como o Arquétipo da Grande Mãe e do feminino, como eles fizeram, mas como o arquétipo da sensualidade, presente igualmente na psique da mulher, do homem e da cultura** (Byington, 2008).

Durante o desenvolvimento individual, o Arquétipo Matriarcal é dominante na gestação e na primeira infância, até os dois anos de idade (Byington, 2013, mas continua ativo durante o resto da vida).

Na dimensão cultural, após a revolução agropastoril, ao redor de dez mil anos atrás, nos tornamos povos assentados. Aí a história da civilização começou, trazendo uma nova organização social caracterizada pela **ativação intensa do Arquétipo Patriarcal**. Construimos aldeias, vilas, cidades, reinos, que originaram as nações modernas, mas também grandes disfunções do Self Planetário (Engels, 1884).

Durante a pré-história, a coordenação cultural era feita basicamente pelo Arquétipo Matriarcal, com a polaridade Ego-Outro na posição insular passiva, pois a natureza produzia e nós éramos apenas caçadores-coletores nômades, que dela nos alimentávamos.

A revolução agropastoril nos tornou povos assentados porque resolveu relativamente nosso problema alimentar. Digo relativamente porque, como afirma Yuval Harari (2011), essa revolução foi baseada no consumo de grãos, o que empobreceu nossa alimentação e enfraqueceu nossa resistência imunológica, propiciando as epidemias nas cidades. Não há dúvida, porém, que a revolução agropastoril nos permitiu passar da coordenação matriarcal (insular) na posição passiva para a posição ativa em nossa relação com a natureza. **Uma vez relativamente encaminhada a alimentação, a organização social tornou-se o principal problema civilizatório. Por isso, nessa época o Arquétipo Patriarcal foi intensa e universalmente ativado.**

No referencial teórico da Psicologia Simbólica Junguiana, o Arquétipo Patriarcal não é o arquétipo do pai, mas sim o arquétipo da organização, igualmente presente na psique do homem, da mulher e da cultura. Durante os 10 mil anos de dominância patriarcal, o Arquétipo Matriarcal e o Arquétipo Patriarcal foram, circunstancialmente identificados, respectivamente, com os papéis materno e paterno. **Arquetipicamente, porém, são os arquétipos da sensualidade e da organização.** O Arquétipo Patriarcal sempre esteve na Psique, mas tinha limitadas condições sociais para ser ativado antes da revolução agropastoril. Este é um bom exemplo de que os arquétipos geralmente são ativados em função tanto de condições sociais como de necessidades existenciais.

O Arquétipo Patriarcal expressa-se pela polaridade Ego-Outro na posição polarizada e sistêmica com seus polos posicionados de maneira **hierárquica**.

A grande ativação do Arquétipo Patriarcal coordenou a organização da sociedade baseada na família patriarcal, formada exclusivamente pela proibição do incesto (Lévi-Strauss, 1958). A partir dela formaram-se as classes sociais, as instituições e o Estado (Engels, 1884). A oposição radical dos polos das polaridades e a capacidade de abstração no dinamismo patriarcal propiciam o seu desapego da intimidade matriarcal e ensejam a formação de sistemas elitistas devido à hierarquização dos polos das polaridades pela **função estruturante do poder**. Desta maneira, a mulher, por exemplo, por ser fisicamente mais frágil e mais sensualmente ligada aos filhos pela gestação e pela amamentação, permaneceu no papel doméstico, enquanto o homem assumiu o papel das funções sociais fora do lar. Com a organização social, surgiu a propriedade privada e a herança. Formaram-se as classes sociais com seu teor elitista. Hoje, as 62 pessoas mais ricas do mundo possuem a mesma riqueza que as 50% mais pobres.

O Arquétipo Patriarcal levou-nos a dominar a flora e a fauna do planeta, com exceção de certas bactérias e vírus. Ele organizou o planeta em nações e difundiu o conhecimento por meio da educação, aprimorando extraordinariamente a moral e os costumes. No entanto, essa hierarquização de um polo sobre o outro durante a organização social, produziu enorme elitização e uma grande Sombra da função estruturante do poder, como, por exemplo, o domínio de umas etnias sobre outras, uma extraordinária concentração da autoridade e da riqueza, a escravatura, a exploração colonialista, a guerra e o genocídio. O armamento desenvolvido e acumulado tornou-se uma espada de Dâmocles sobre a nossa sobrevivência. O elitismo de um dos polos favorece uma projeção negativa no polo menos favorecido, o que dá origem ao complexo do bode expiatório.

Junto com um desenvolvimento socioeconômico e político extraordinário, a dominância patriarcal instalou o monoteísmo, que expressa a organização sistêmica subordinada a um princípio condutor. Em várias culturas, o politeísmo animista de cunho matriarcal foi sendo dominado e substituído pelo monoteísmo abstrato e centralizador de cunho patriarcal. A vida religiosa monoteísta patrocinou a autocracia de grandes monarcas e de líderes políticos, supostamente com ascendência divina, que os dotava de autoridade socioeconômica-política e sempre, também, de veneração espiritual. A liderança social patriarcal, mesmo quando se declara ateísta, é impregnada do fervor transcendente arquetípico que a diviniza, sempre beirando o fanatismo e a morte gloriosa fomentada pelo heroísmo patriarcal. O Arquétipo Patriarcal impregna e fascina o Ego e o

Self com poder social, econômico, político, militar e também com a **missão espiritual de possuir ideologicamente a verdade, com o direito de implantá-la ditatorialmente a qualquer preço expressa pelo lema de que os fins justificam os meios.**

Roma versus Israel

No início da nossa Era, o Império Romano dominava a Europa, boa parte do norte da África e da Ásia, inclusive a Ásia Menor, com Israel. Quis a história que se defrontassem culturalmente duas civilizações da mais complexa e refinada dominância patriarcal. Roma havia incorporado a extraordinária cultura grega e exercia impiedosamente o poder político pela organização de seus exércitos. Os israelitas, “o povo do livro”, acumularam na Bíblia sua história gloriosa e o seu desenvolvimento espiritual. Submeter-se à opressão de Roma, ou a qualquer outra, era incompatível com a sua dignidade. Assim, ativou-se entre os judeus a revolta e o espírito patriarcal guerreiro. Em sua tradição mística invocavam a vinda do Messias guerreiro, que repetiria o heroísmo de David contra Golias e traria de volta a glória de Israel. Sendo esta uma vivência simbólica de holocausto, um genocídio sacrificial incompatível com a sobrevivência, ativou-se outro Messias, também cultuado na tradição mística dos Judeus. Trata-se do arquétipo da consideração, vivenciado historicamente por Jesus, que por isso se tornou Cristo. Este Messias da consideração expressa um arquétipo e um herói totalmente diferentes daqueles do dinamismo patriarcal. **Denominei-o Arquétipo da Alteridade.**

Ao invés do herói guerreiro, que na organização psíquica das polaridades submete um polo ao outro pelo poder, **o herói de alteridade relaciona os polos pela consideração, numa relação dialética e democrática, na qual ambos os polos podem e devem se expressar plenamente.** Ele é o arquétipo da democracia, da consideração pelo outro, da arte, da ciência, do socialismo, da imunologia, da sustentabilidade e da psicologia dinâmica consciente-inconsciente. Foi ele que me levou a conceituar o Outro inseparavelmente do Ego, no centro da Consciência. **Ao reunir de maneira dialética e quaternária a sensualidade matriarcal com a organização patriarcal, o Arquétipo da Alteridade coordena a inteligência mais abrangente e profunda de que o ser humano é capaz.** Ela é quaternária porque cada polo das polaridades pode estar certo ou errado, fluindo livremente na Consciência, no caminho do Bem, ou fixado na Sombra, no caminho do Mal.

A posição polarizada patriarcal é ternária porque o Ego se relaciona com as polaridades de forma fixa, com o pressuposto de que um polo é superior ao outro. Já a

relação dialética é quaternária porque as polaridades não têm hierarquia preestabelecida e o Ego e o Outro, em cada polaridade, podem ser melhores ou piores, dependendo do contexto. A polaridade esquerda e direita, por exemplo, quando percebida dentro do dinamismo patriarcal, é ternária porque o Ego determina *a priori*, de forma fixa, quem é de esquerda e quem é de direita, e qual das duas está certa ou errada, de acordo com o seu próprio posicionamento ideológico. No relacionamento dialético, porém, a polaridade esquerda-direita é quaternária, e não pode ser prefixada, pois depende do contexto e do momento histórico. Quem é de esquerda hoje, mesmo sem o perceber, pode ser de direita amanhã e vice-versa. Ou seja, os polos das polaridades na dialética de alteridade não têm significado prefixado e precisam ser caracterizados dentro da elaboração simbólica sempre ligada ao todo. É óbvio então, que a inteligência patriarcal polarizada, por ser estereotipada, prefixada e orientada a qualquer preço pelo poder patriarcal, é muito mais fácil de ser exercida do que a inteligência de alteridade, orientada pela consideração. Como a inteligência patriarcal é ternária e tem a esquerda e a direita predeterminadas, o Ego se orienta por estereótipos e **não precisa refletir para escolher a esquerda ou a direita e qual está certa ou errada em cada elaboração simbólica. Já a inteligência dialética, sendo quaternária, precisa pensar criativamente a cada elaboração simbólica, para discernir o que está sendo de direita ou de esquerda e o que está certo e criativo ou errado e defensivo.** Identificar a esquerda a priori com a propriedade coletiva e a direita com a propriedade privada, por exemplo, é admissível na dimensão polarizada patriarcal, mas é um erro crasso no dinamismo dialético de alteridade.

O Budismo (500 AC) e o Cristianismo expressam o início da encarnação do Arquétipo da Alteridade na história. Outras culturas também o expressam, como Krishna Govinda, no Hinduísmo; Lao-Tzu, no Taoísmo; e o Orixá Exu, na cultura Iorubá-Nagô.

Foi um verdadeiro milagre que o Império Romano e seu *panteon* imbatíveis pelas armas tenham sido convertidos à alteridade pregada pelo humilde filho de um carpinteiro. O Cristianismo tornou-se um gigantesco poder religioso, social e político. Contudo, ao invés de expressar o Arquétipo da Alteridade, inerente ao Mito Cristão que converteu Roma, a Igreja se estruturou com o modelo patriarcal que governava o Império Romano. Pelo fato de este padrão ser muito mais simples e fácil, desde o seu início, passou a perseguir e a punir como herege qualquer um que contrariasse o direito canônico do Santo Ofício, por ela criado. Dessa maneira, **a Inquisição estabeleceu a trágica patriarcalização defensiva do Cristianismo.** Com o passar dos séculos, a Inquisição exerceu uma ideologia patriarcal repressiva que deformou defensivamente a pregação

dialética de Jesus e repetiu as autocracias patriarcais repressivas da história, prendendo, torturando e matando em nome do Cristo.

Devido à sua criatividade, o Arquétipo da Alteridade traz sempre novas descobertas, que, a seguir, são também implantadas e difundidas pelo Arquétipo Matriarcal e pelo Arquétipo Patriarcal. Quando, no entanto, essas descobertas, parcial ou inteiramente, sofrem fixações e defesas na sua implantação, elas passam a ser expressas na Sombra da alteridade, por intermédio do matriarcal e do patriarcal defensivos. Foi o que aconteceu durante a implantação do Mito Cristão e que se repetiu com o Comunismo, dentro da patriarcalização histórica defensiva do Socialismo.

A mensagem dialética do Cristianismo, por ser arquetípica e não poder ser destruída depois de constelada no Self Cultural, sobreviveu esotericamente junto com o ritual da Missa e foi exercida nos monastérios pelo “exame de consciência” para separar a virtude e o pecado. Apesar de defensivamente perseguido pela Inquisição como a maior das heresias, **o padrão dialético quaternário de alteridade migrou da religião para a ciência, junto com a transformação dos monastérios em universidades.** Com o tempo, o Arquétipo da Alteridade derrotou a patriarcalização do Cristianismo exercida defensivamente pelo Santo Ofício. Noventa e quatro anos após a descoberta do heliocentrismo por Copérnico (1543), que inaugurou a ciência moderna, a relação dialética quaternária com a natureza foi referendada e recomendada epistemologicamente pelo *Discurso do Método* (1637), de Descartes (1596-1650), “para bem pensar”. Estava assim estabelecido, sob a coordenação do Arquétipo da Alteridade, o paradigma dialético do conhecimento na ciência.

Da mesma forma que a implantação do Arquétipo Matriarcal e do Arquétipo Patriarcal na consciência levou milênios e continua ainda hoje, a implantação do Arquétipo de Alteridade vem ocorrendo há dois mil anos, e ainda está no seu início. Ela é uma inteligência muito mais profunda e abrangente que a matriarcal (binária), fundamentada na sensualidade e no desejo, e que a patriarcal (ternária), fundamentada na organização e no poder, **porque ela é coordenada pela função estruturante quaternária da consideração da identidade profunda de cada símbolo.** Por isso, ela inclui a consideração pelo outro em todo relacionamento, tão bem ilustrado pelas expressões – “virar a outra face” e “amar ao próximo como a si mesmo”. A alteridade apoia-se no matriarcal e no patriarcal para relacioná-los dialeticamente e transcender suas dominâncias. As fixações, defesas e a formação de Sombra, que ocorrem durante a implantação da alteridade, fazem com que ela se torne defensiva junto com o matriarcal e o patriarcal. Isso é frequente porque a implantação de alteridade é sempre muito sofrida.

Exatamente por ser criativa, brilhante e muito revolucionária e transformadora, sua implantação requer sempre o sacrifício e o desapego de, pelo menos, parte do matriarcal e do patriarcal, o que é muito doloroso. Não foi por acaso que, ao se tornar Cristo, Jesus tornou-se também “**o cordeiro sacrificial que tira os pecados do mundo**”. Isso é devido à força da alteridade, que além da criatividade, reside também na sua capacidade de confrontar e elaborar os símbolos fixados na Sombra expressa na dimensão religiosa cristã pelo pecado e pelo Demônio. Dentro do Mito, esses símbolos fixados eram percebidos no conceito de pecado, que são elaborados pela confissão e pela comunhão.

Apesar de a Inquisição perseguiu-la como a grande heresia, a alteridade foi se desenvolvendo e ocupando espaço na universidade, por intermédio do método científico, produzindo descobertas com consequências cada vez mais significativas. A mecanização dos sistemas de produção, que deu origem à Revolução Industrial, na Inglaterra, no início do século XVIII, por exemplo, foi propiciada pelo Arquétipo de Alteridade e logo se propagou por toda a Europa, coordenada pelo Arquétipo Patriarcal criativo. Essa mecanização, no entanto, provocou uma onda imensa de desemprego, de miséria e uma migração maciça para as cidades – um aspecto terrível da Sombra do desenvolvimento.

Os séculos XVIII e XIX presenciaram o subemprego e a miséria nas grandes cidades. Um quarto da população de Paris chegou a ser formada por mendigos. Os salários baixíssimos, o desemprego, a exploração e o tratamento desumano dos trabalhadores ensejou sua organização nos primeiros sindicatos. Foi o início do socialismo criativo. O enriquecimento da burguesia e o enfraquecimento da monarquia foram acompanhados pela reivindicação de melhores condições de vida dos proletários, influenciados por enciclopedistas iluministas, o que culminou na Revolução Francesa, em 1789. Os reis foram guilhotinados, a Igreja foi expulsa da universidade e a 1ª república francesa foi proclamada. Apesar de o lema “liberdade, igualdade e fraternidade” assinalar a implantação da alteridade, a convulsão social, coordenada pelas fixações e defesas matriarcal, patriarcal e de alteridade, durou dez anos, levou ao Terror e só foi controlada pela patriarcalização defensiva da alteridade com a ditadura guerreira de Napoleão I (1790-1814).

É isso que os movimentos de esquerda tem tido dificuldade de compreender. Ao não resistirem à patriarcalização pelo ódio e pela luta armada, expressa pela ideologia da luta de classes, eles forçosamente caminham para a ditadura e depois se dizem vítimas, encobrendo sua própria ideologia totalitária.

Junto com as ditaduras de Napoleão Bonaparte (1790-1814) e de Napoleão III (1851-1870), a primeira metade do século XIX caracterizou-se pelo confronto das ideias socialistas e republicanas com os ideais monárquicos e absolutistas. **No entanto, a expulsão da Inquisição e da monarquia, bem como a tomada da universidade pela ciência, baseada na dialética da alteridade, estavam asseguradas.** Quero ressaltar, porém, **que aqui ocorreu uma fixação da maior importância que limitou intensamente o padrão dialético de alteridade e a ciência nos séculos XVIII, XIX, XX e continua até hoje no século XXI. Trata-se da gravíssima dissociação sujeito-objeto no Self Cultural do Ocidente, que foi exportada com o método científico e o materialismo para o resto do planeta, junto com a patriarcalização defensiva da alteridade.**

Quando a ciência expulsou da universidade a Inquisição, no final do século XVIII, ela se desviou patologicamente da dimensão subjetiva de um modo geral, nela incluindo as funções afetiva, intuitiva, da ética e da fé na relação com o universo.

Devido à dissociação patológica do Self Cultural, a ciência reduziu a verdade à dimensão objetiva. Surgiram, assim, a idealização exclusiva da dimensão objetiva e a associação pejorativa da subjetividade com a incoerência, a fantasia e até mesmo com a irresponsabilidade, o charlatanismo e a invencionice. **O resultado desta cisão foi o surgimento, no século XIX, do positivismo, do materialismo científico e do materialismo dialético,** para expressar a verdade científica dissociada e com empáfia defensiva, assinalada por Jung como “a vaidade grosseira dos cientistas”.

A dissociação do Self Cultural do Ocidente foi exportada para o planeta junto com o método científico e até hoje afeta muitas dimensões existenciais.

O Socialismo desenvolveu-se no século XIX pelo Iluminismo, como expressão do Arquétipo de Alteridade, que desde o século XVI vinha coordenando a relação dialética com a natureza. Como vimos, o início da revolução industrial, na segunda metade do século XVIII, causou a fome, a miséria, o desemprego e o êxodo rural para as grandes cidades. Essa injustiça social foi ilustrada exuberantemente pela obra inglesa *Oliver Twist* (1838), de Charles Dickens (1812-1870), e pela francesa, *Os Miseráveis* (1862), de Vitor Hugo (1802-1885). A desestruturação do Self Cultural francês, que acompanhou a revolução de 1789, ocorreu em meio à criatividade dos filósofos enciclopedistas como Voltaire (1694-1778), Diderot (1713-1784) e d'Alembert (1717-1783), intensamente influenciados pelo *Contrato Social* (1762), de Rousseau (1712-1778), apoiados na burguesia que vinha reivindicando e adquirindo cada vez mais poder, eles contestavam a alienação desumana da nobreza e do clero. A explosão da revolução em 1789, a

execução de um grande número de nobres, inclusive dos reis (1793) e de padres, a expulsão da Igreja das universidades e a inauguração do parlamento na 1ª república (1792) assinalaram o início do Socialismo, com a passagem do governo para o povo, representado pela classe política e sua pluralidade na Assembleia Nacional Constituinte, numa expressão de alteridade criativa misturada com a alteridade defensivamente patologizada.

O Self Cultural dissociado e a verdade científica reduzida ao materialismo formaram o pano de fundo da filosofia da ciência do século XIX. Foi com base nela que, no congresso socialista de 1848, dois jovens economistas alemães, brilhantes, foram encarregados de redigir o *Manifesto Comunista*. Marx, com 28 anos e Engels, com 30 anos. Eles descartaram as demais correntes socialistas como sendo idealistas, reduziram a questão social à dimensão econômica e fundamentaram o *Manifesto* na teoria da luta de classes e na “mais valia” reduzida à dimensão ecológica para explicar a exploração da classe trabalhadora pela burguesia. A solução apontada foi a união da classe operária para formar uma sociedade comunista sem classes e sem a propriedade privada, como receita para implantar a alteridade. No entanto, muitos não perceberam até hoje que a teoria da luta de classes e o materialismo dialético foram apoiados defensivamente no arquétipo patriarcal, transformando o *Manifesto* em um manual de ditadura e genocídio.

A partir do surgimento do Mito Cristão, que propiciou a implantação do Arquétipo da Alteridade na cultura ocidental, o paradigma científico passou a ser a visão de mundo e a ferramenta para se buscar a verdade. **Devido porém à dissociação do Self Cultural no final do século XVIII, o paradigma científico foi reduzido à dimensão objetiva e a realidade social, à dimensão econômica.**

A essência do Socialismo é o acolhimento, por amor, dos menos favorecidos e das minorias oprimidas, daí o lema “liberdade, igualdade e fraternidade”, que empolgou a revolução francesa, em busca da República. Sua analogia com o Sermão da Montanha de Jesus é inegável.

Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus;
Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados;...
Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos;...
Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus; ... (Mateus 5:1-10).

Porém, ao invés de expressar o socialismo pela dialética de alteridade, o *Manifesto* tornou-se refém da patriarcalização defensiva da alteridade e **fez da dialética a transformação social pelo amor ao outro na luta de classes para estabelecer a**

ditadura sobre o proletariado pelo poder e pelo ódio ao outro. Ao adotar o materialismo dialético como caminho epistemológico, o *Manifesto* **negou a dialética da lógica de Hegel da tese versus a antítese no caminho da síntese**, e coroou a ditadura monopartidária do Partido Comunista sobre o proletariado pela eliminação da antítese.

O erro epistemológico do *Manifesto Comunista* reduziu a dialética de classes à teoria da luta de classes como motor da história. Com isso, provou facciosamente que “os fins justificam os meios” e validou o extermínio de toda oposição. Este redutivismo levou ao assassinato de 100 milhões de pessoas pelas ditaduras comunistas de Lenin, Stalin e Mao no século XX. É impressionante como a psicodinâmica arquetípica do comunismo é análoga àquela do Nazismo, cujo Nacional Socialismo foi, também, a patriarcalização defensiva da alteridade. O sistema monopartidário e a eliminação radical de qualquer diferença foi a mesma. No lado nazista, esse outro que devia ser exterminado foram os ciganos, os liberais, os deficientes, os homossexuais, os comunistas e os judeus e, do lado comunista, o bode expiatório foi a nobreza e a burguesia, consideradas a classe opressora. A política de eugenia numa sociedade totalitária também foi a mesma.

Foi esse o embasamento ideológico para a matança de 40 milhões, por Lenin e Stalin, de 60 milhões por Mao-Tse-Tung e pelo armamento atômico da Coreia do Norte, que atualmente ameaça destruir a humanidade. O Socialismo comunista usurpou autocraticamente a representação da esquerda para justificar seus posicionamentos políticos e projetar defensivamente sua Sombra ditatorial em qualquer opositor com o rótulo de direita e de fascista. Esse aprisionamento dos movimentos sociais dentro do dinamismo patriarcal defensivo da luta de classes é um dos maiores entraves, muitas vezes populistas e demagógicos, para a transformação progressista da cultura pelo Socialismo democrático.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHOFEN, Johann Jacob (1861). *Mother Right* in: *Myth, Religion and Mother Right. Selected Writings of J. J. Bachofen*. New York: Princeton Univ. Press, 1967.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho (2008). *Psicologia Simbólica Junguiana. A viagem de humanização do cosmos, em busca da iluminação*. São Paulo: Linear B, 2008.

_____ (2013). *A Viagem do Ser em Busca da Eternidade e do Infinito. As Sete Etapas Arquetípicas da Vida pela Psicologia Simbólica Junguiana*. São Paulo: Ed. do Autor, 2013.

COPÉRNICO, Nicolau (1543). *De revolutionibus orbium coelestium* (Da revolução de esferas celestes). Nele está a teoria do modelo heliocêntrico, a maior teoria do autor.

- DESCARTES, René (1637). *Discurso do Método*. Porto Alegre: L&PM Eds., 2005.
- DICKENS, Charles (1838). *Oliver Twist*. São Paulo: Hedra Editora, 2002.
- ENGELS, Friedrich e MARX Karl, (1848). *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.
- ENGELS, Friedrich (1884). *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1977.
- HARARI, Yuval Noah (2011). *Sapiens. Uma Breve História da Humanidade*. Porto Alegre: L&PM Eds, 2015.
- HUGO, Victor (1862). *Os Miseráveis*. São Paulo: Martin Claret, 214.
- LÉVI-STRAUSS, Claude (1958). *Antropologia Estrutural*. Biblioteca Tempo Universitário, Vol 7, pg. 393. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1975.
- NEUMANN, Erich (1949). *História da Origem da Consciência*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1995.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques (1762). *O Contrato Social*. Porto Alegre: L&PM Eds., 2007.
- WATSON, James D. e BERRY, Andrew (2003). *DNA – O Segredo da Vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.